

PORÕES CAPIXABAS

DITADURA NO ES UM INFERNO QUE CASTIGOU VIDAS

Presos no mesmo quartel que Míriam Leitão relatam torturas

▄ **RONDINELLI TOMAZELLI**
rtomazelli@redgazeta.com.br

As recentes manifestações por intervenção militar e até volta da ditadura no país - promovidas por grupos sectários em São Paulo contrários à reeleição da presidente Dilma Rousseff (PT) - provocam calafrios em militantes políticos capixabas presos e torturados por agentes das Forças Armadas no Espírito Santo.

“Até hoje carrego uma grande carga emocional daquela época. Ainda estou em tratamento de depressão crônica e outras doenças. Este país que tanto amo me deve, e muito”, desabafa a advogada Maria Auxiliadora Gama, a Badora.

Citados como companheiros de luta ou de prisão pela jornalista Míriam Leitão em entrevista a A GAZETA, jovens homens e mulheres que arriscaram a vida em nome da democracia dão seu depoimento nesta reportagem. Torturada no 38º Batalhão de Infantaria (BI) do Exército em Vila Velha, Míriam dividiu a cela com as também estudantes da Ufes Ângela Milanez e Magdalena Frechiani - que, como Míriam, estava grávida.

Outros perseguidos revelaram seu calvário vivido sob ameaça de morte, uso de cobras e cachorros, tortura psicológica, violência física e um tormento sem fim. Sofreram na pele as marcas de uma memória física e emocional delicada e dolorosa que nunca será esquecida por eles - e nem deve ser pelas novas gerações que nasceram ou cresceram em plena liberdade democrática e desconhecem a escuridão de um regime de exceção.



EDSON CHAGAS

Míriam estava grávida quando foi presa em Vitória

Em processo “confidencial” do Exército de 1973, Ângela, Badora e Míriam aparecem respondendo por “atividades do PCdoB”, o Partido Comunista do Brasil. “Da nossa cela a gente via a cabeça do Vitor Buaiz lá na solitária. Pessoas foram mortas. Quero divulgar o que passei para que meus filhos e netos nunca vivam uma ditadura”, frisa Ângela.

INDIGNAÇÃO

A pediatra Magdalena, ex-mulher do também preso político Guilherme Lara Leite, se emociona com as lembranças dos 32 dias de dor no quartel. “Valeu a pena tudo o que fiz. A gente nunca pode perder a capacidade de se indignar”, afirma ela, que hoje cuida de crianças com câncer. Com a polícia em cima de colegas, os dois fugiram com a hoje médica Beth Madeira. “Cada brasileiro que lutou contribuiu para um país livre e com dignidade humana”, diz Beth.

Outro preso nos porões da ditadura, o jornalista Jorge Luiz de Souza sofreu choques e espancamento,

além de ameaça contra a mulher e a filha. Sua história foi recontada: “Passei quase 42 anos sem saber o nome do comandante da tortura: o coronel Paulo Malhães, assassinado em abril depois de depor na Comissão da Verdade, no Rio”.

Nem todas essas vítimas mantêm contato. Há cerca de cinco anos, Míriam conseguiu reuni-los num simbólico reencontro promovido na casa de Ângela.

No grupo de resistência ainda estava Gustavo do Vale, que engajou-se na medicina em Venda Nova do Imigrante. O médico de 64 anos evita entrevistas. Seus companheiros relatam que foi torturado e só se formou três anos depois da turma. Em curta declaração, Gustavo condena os recentes pedidos por intervenção militar: “Isso é coisa de meia dúzia de gatos pingados. Não há clima para isso no Brasil”.

gazetaonline.com.br

Confira em nosso portal a reportagem completa e os depoimentos na íntegra. E leia mais na edição de amanhã.

“FUI INTERROGADA SEM ROUPA”

“COM REVÓLVER, ME AMEAÇAVAM DE MORTE. TAMBÉM USAVAM JIBOIA”

Ângela Milanez

ANISTIADA, 67 anos. Ganhou direito de voltar a cursar Geografia



FERNANDO MADEIRA

“Fui colocada na solitária”

▄ Fui presa em 30 de novembro de 1971 e fiquei dois meses no 38º BI. Era estudante de Geografia da Ufes e namorava o (ex-marido) Iran Caetano, acusado de subversivo pelo Exército. Passei a militar no clandestino PCdoB. Na prisão, rasgaram meu vestido, fiquei sem tomar banho, o tenente oficial nos seguia com cachorros até o banheiro e tínhamos que

fazer a higiene com porta aberta. Fui colocada na solitária, era interrogada sem roupa, me enrolaram num cobertor picante para sentir calor. Além da tortura psicológica, eles me ameaçavam com o revólver o tempo todo, que iam me matar. Chegaram com uma jiboia e ameaçaram me enrolar na cobra. Eles aterrorizaram minha mãe. Queriam que eu, Míriam (Leitão) e Marcelo (Netto) delatássemos colegas, mas estávamos juntos e só assinamos um depoimento assumindo militância de esquerda.

ASSÉDIO MORAL

“SOFRI COERÇÃO E AGRESSÕES COM CÃES E FUZIS”

Beth Madeira

MÉDICA SANITARISTA

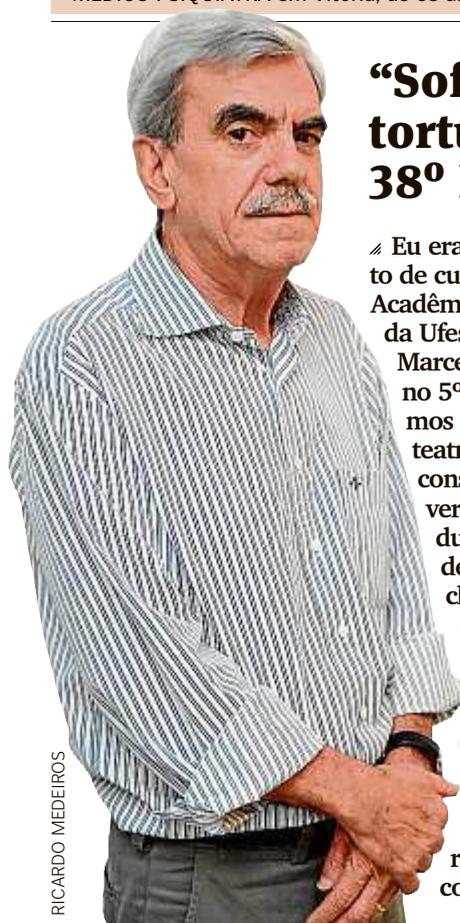


▄ Atuei no diretório da Faculdade de Medicina da Ufes e no PCdoB contra a ditadura, por melhores condições de ensino e pela liberdade de expressão. Fui presa aos 19 anos, respondi a processo militar e, mais tarde, sofri assédio moral no trabalho. Fugi com Magdalena Frechiani e Guilherme Lara Leite. Com a roupa do corpo, sem dinheiro, sem esperanças, fui parar no Rio, com ajuda de colegas e professores. Na cadeia no 38º BI, coerção, interrogatórios, constrangimento físico e moral, sem direitos a banhos de sol, além de agressões com cães e soldados com fuzis apontados para mim. Para aguentar momentos tão difíceis, agradeço a Míriam Leitão, com quem aprendi na cadeia a cantar músicas como “Assum Preto” e “Antonico”.

“FOI TERRÍVEL”

“ELES ME COLOCAVAM CAPUZ E LINHA NO PESCOÇO E AMEAÇAVAM ME MATAR, ME JOGAR DO HELICÓPTERO, ME AFOGAR”

Guilherme Lara Leite
MÉDICO PSIQUIATRA em Vitória, de 65 anos



RICARDO MEDEIROS

“Sofri tortura no 38º BI”

Eu era do departamento de cultura do Centro Acadêmico de Medicina da Ufes, presidido pelo Marcelo Netto. Estava no 5º ano, e trazíamos shows e peças de teatro de artistas considerados subversivos pela ditadura. A Polícia Federal sempre me chamava, porque eu “agitava” a cena cultural. A gente pichava “Abaixo a Ditadura”, “Viva a liberdade”... Fui preso em 1971, na fase mais dura do regime, com Médici. Sofri

tortura no 38º BI. Eles me colocavam capuz, enrolavam linha de nylon no meu pescoço e ameaçavam me matar, me jogar do helicóptero, me afogar. Foi terrível. Mas eu era soldado do PCdoB, não era do comando e não usava armas. Antes de ser preso, eu, a minha então namorada Magdalena Frechiani e Beth Madeira fugimos, porque a polícia foi na república onde eu morava com colegas mais idosos na hierarquia do partido. Fui pro Rio e um tio me aconselhou a me apresentar. Sinto orgulho do que fiz. Meu neto (Guilherme se emociona) me perguntou “Vovô, o senhor era bandido, foi preso?”. Respondi: “Não, meu filho. Minha única briga foi pela democracia, pela liberdade”.

“MEUS FILHOS ABOMINAM DITADURA”

“AMEAÇAVAM ME ESTUPRAR. EXPUSERAM MINHA NUDEZ, MESMO MENSTRUADA, SANGRANDO. FOI MUITO HUMILHANTE”

Maria Auxiliadora Pereira Gama (Badora)
ADVOGADA, 67 anos, e por 25 defensora pública do Estado



ACERVO PESSOAL

“Adquiri ansiedade e depressão”

No segundo ano de direito da Ufes, comecei minha militância no PCdoB, em 1972. Minha militância era panfletar embaixo das portas em Vitória junto com Miriam Leitão (Mirinha), sem anarquias. No dia dois de dezembro, homens fortemente armados me sequestraram em casa para 38º BI, no qual permaneci por 43 dias. No quartel, sofri torturas psicológicas, emocionais e físicas. Mesmo com as torturas, eu não cedia. Houve a pior tortura que sofri, ameaçavam me estuprar. Por duas vezes, fiquei despido e expuse-

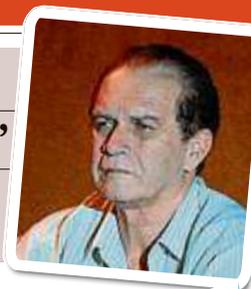
ram minha nudez, mesmo menstruada, sangrando, fiquei com absorvente na minha mão. Foi terrível, muito humilhante e constrangedor. Foi aí que gritei: “Eu sou virgem, não façam nada comigo! Minha mãe viu vocês me sequestrarem”, e pararam. Outras

torturas eram: cães enormes, na porta da cavalaria/cela, instigados a latir tempo todo. Ficamos com mesma roupa toda permanência na prisão. Tive problemas de saúde, adquiri ansiedade e depressão crônica. Meus filhos abominam ditadura.

“VIREI CLANDESTINO”

“AMIGOS ERAM ASSASSINADOS”

Iran Caetano
MÉDICO, 69 anos



Eu fui coordenador da delegação capixaba no Congresso de Ibiúna (SP) e pertenci à direção estadual do PCdoB desde 1971. Fazíamos passeatas em Vitória, protestos na Ufes. Visado, eu sempre era chamado no 38º BI e depois liberado. A situação se agravou e fugi quatro dias antes da

formatura em 1972. Em São Paulo, me mandaram aguentar as consequências de não renunciar às minhas ideias. Em 1973, voltei ao Espírito Santo tentando reorganizar a vida, mas a polícia estava me procurando. Partii num périplo de fuga, passando por Minas, Rio, Pará, floresta amazônica. Vi-

rei clandestino cinco anos. O PCdoB me mandou ao interior do Minas com a Ângela (Milanez), que estava grávida. Eu enfrentava dificuldade de sobreviver; as pessoas queriam ajudar, mas ficavam com medo. Depois que meu pai me convenceu a me apresentar, fiquei preso um ano, entre Bangu e o 38º BI. Tudo me abalou, não consegui me formar, amigos eram assassinados. A gente lutava por um país melhor. Quem pede volta de ditadura é estúpido ou se aproveitou dela.

OSSO QUEBRADO

“SOFRI CHOQUES E FUI ESPANCADO”

Jorge Luiz de Souza
JORNALISTA, 63 anos, mora em São Paulo



Em 1972, fui sequestrado em casa, em Vitória, por homens à paisana, e levado para o 38º BI. Imediatamente, começaram as torturas com sessões de espancamentos. No Brasil, vigorava a lei de exceção e rebelar-se era crime. Por isso, fomos processados, e alguns de nós, como eu, condenados. Só re-

cuperamos a ficha limpa com a Anistia, em 1979. Eu me recusei a delatar outras pessoas. E as sessões de espancamento se acirraram. Foi nessa hora que me quebraram o osso externo, que nunca mais voltou para o lugar. Fui despido e começaram as sessões de choques. Inicialmente, amarraram fios nos de-

dos de uma e da outra mão, fazendo passar pelo peito o circuito de alta amperagem gerado por um telefone de campanha, que eles chamaram de “maricota”. Além da dor, duas coisas humilhantes acontecem: a pessoa urra como um animal selvagem, e se urina toda. Fiz uma denúncia à Justiça Militar com relação às torturas contra prisioneiros políticos em instalações militares no Espírito Santo, mas estávamos em plena ditadura e nada foi feito.

“CACHORROS CARA A CARA COMIGO”

“EU ESTAVA GRÁVIDA E ME PRESSIONAVAM A ABORTAR”

Magdalena Frechiani
ONCOLOGISTA INFANTIL, 63 anos



Comecei a militar no PCdoB em 1972. A polícia nos fichou na luta para não fecharmos o pronto socorro do hospital na Ufes. Um dia, amigos foram procurados na república e nem voltei pra casa. Saímos eu, Guilherme Lara Leite e Beth

Madeira de cidade em cidade, pensávamos em sair do país. Minha família ficou sem saber se eu estava viva ou morta, ameaçavam minha mãe de levá-la no meu lugar. Ficamos em Minas e nos apresentamos no CENIMAR (Rio) em dezembro

de 1972. Fomos ouvidos e mandados à prisão no 38º BI. Aí começaram interrogatórios, a tortura psicológica. Até hoje tenho horror a cachorros. Iam me pegar na cela com o cachorro cara a cara comigo, com a pata em cima. Eu estava grá-

vida e eles me pressionavam para fazer aborto, diziam que minha filha nasceria na cadeia. Um dia (ela se emocionou), minha mãe foi me visitar, me abraçou e me disse ao ouvido: “Se seu avô estivesse vivo, você seria o maior orgulho dele”.